



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11460 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 03/GT 06/GT 18 - Movimentos Sociais, Educação Popular e EJA

PAULO FREIRE E VIVÊNCIAS DE EDUCADORES (AS) POPULARES:
EXPERIÊNCIAS LATINO-AMERICANAS

Sulivan Ferreira de Souza - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

PAULO FREIRE E VIVÊNCIAS DE EDUCADORES (AS) POPULARES: EXPERIÊNCIAS LATINO-AMERICANAS

Introdução

O objetivo desse texto é dialogar sobre o legado do pensamento educacional de Paulo Freire e sobre as reinvenções epistemológicas desse legado a partir das vivências de educadores (as) populares da Cooperativa de Educadores (as) e Investigadores (as) Populares – Histórica, situada na cidade Buenos Aires (Argentina) e do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, situado na cidade de Belém – Pará (Brasil).

As vivências aqui relatadas trazem em suas práticas educativas conceitos freireanos tais como o diálogo, a afetividade, a unidade na diversidade, ser mais, inédito viáveis e saberes da experiência feito liberdade, dentre outras matrizes teóricas e metodológicas que são vigentes no cotidiano desses coletivos e que passam a compor a teorização/ação cotidiana desses educadores e educadoras.

A reflexão feita aqui compõe os resultados/indagações da tese de doutorado *Vivências em Educação Popular da/na América Latina e Caribe: um diálogo entre Brasil e Argentina*, defendida no ano de 2021 e com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

No presente trabalho, optou-se por manter o anonimato dos (as) sujeitos (as) envolvidos (as). Os nomes fictícios são inspirados nos rios que correm na América do Sul.

Educadora Amazonas (Brasil); Educadora Araguaia (Brasil); Educador Japurá (Brasil); Educador Paraná (Argentina), Educador Uruguai (Argentina); Educador Purus (Argentina).

O texto está dividido em 04 momentos: a) Paulo Freire, Educação Popular e América Latina: um encontro desde as margens; b) O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP): territórios educativos em diálogo; c) Cooperativa de Educadores e Investigadores Popular – Histórica (CEIP-H): por uma escola pública e popular; d) Considerações finais.

Paulo Freire, Educação Popular e América Latina: um encontro desde as margens

Dialogar sobre o legado de Paulo Freire, Educação Popular e América Latina nos provoca a pensar, sentir e conhecer desde as margens do sistema-mundo moderno/colonial.

O caminhar/navegar entre as margens da educação popular foi feito de encontros, aprendizados distintos, gramáticas diferentes, simbologias peculiares, costumes singulares e histórias diversas, feito com mulheres e homens “sentipensantes” (FALS BORDA, 2012), que estão mergulhados no rio da educação popular, congregando diversos afluentes políticos, gnosiológicos e subjetivos.

A partir das reflexões elaboradas pelos (as) sujeitos (as), os dilemas apresentados, os aprendizados será é possível obter um panorama da presença do pensamento freireano e compreender as recriações epistemológicas e as inovações pedagógicas constituídas por esses educadores e educadoras populares.

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP): territórios educativos em diálogo

O NEP é um grupo que surge na cidade de Belém no Estado do Pará o grupo surgiu inicialmente com o PROALTO (Programa de Alfabetização de Alfabetização de Jovens e Adultos), em 1995, projeto vinculado à Universidade do Estado do Pará, e tornou-se núcleo de ensino, pesquisa, extensão e formação no ano de 2002.

Para o NEP formação pedagógica compre que os (as):

educadores populares tem por base a pesquisa e a práxis (reflexão-ação) como princípios educacionais que permitem a produção de textos contendo narrativas críticas das pesquisas e práticas educacionais realizadas, que contribuem para o pensar sobre a prática para transformá-la, bem como para o aprofundamento teórico-metodológico da educação de Paulo Freire (OLIVEIRA; MOTA NETO; SANTOS, 2018, p. 07).

As atividades educativas do NEP são arquitetadas a partir de práticas educativas cotidianas e sistematizadas em círculos de cultura, cadernos pedagógicos, livros, *e-books*, oficinas, materiais audiovisuais, entre outras produções. As práticas educativas são organizadas em Grupos de Estudos e Trabalhos (GETs) e, no momento são 08 (oito) os grupos existentes: a) GET em Ambientes Hospitalares; b) GET em Unidade de Acolhimento

de Idosos; c) GET em Escolas Públicas: Filosofia com Crianças; d) GET de Educação Matemática; e) GET com Estudantes Quilombolas; f) GET Educação Inclusiva; g) GET de Formação de Professores; f) GET em Educação Ribeirinha – Grupo Pará Leitura.

O NEP constrói territórios educativos populares que estão inicialmente centralizados na Universidade do Estado do Pará (CCSE/UEPA). Nesse contexto, o ambiente universitário se consolida como núcleo e reúne uma série de educadores (as) da graduação, professores (as) universitários (as) e professores (as) da educação básica, além de profissionais de instituições governamentais e movimentos sociais e coletivos populares.

A atuação do NEP ocorre fora da universidade ao mesmo tempo que a universidade se apresenta enquanto *lócus* de mediação dessas vivências, nas idas e vindas, nos encontros na universidade e nos diversos territórios socioeducativos que forjam confluências teóricas, afetivas, éticas, políticas, dentre outros aspectos.

O núcleo de educação popular é um exercício de problematização das estruturas epistemológica/ontológica a modernidade/colonialidade do sistema-mundo que estão enraizadas na universidade. Ao mesmo tempo, o coletivo busca criar fissuras epistêmicas/ontológicas.

Os educadores e as educadoras populares estão na fronteira entre um projeto epistêmico engessado, eurocentrado e assimétrico de produção e de circulação de conhecimentos e outro projeto popular de universidade e pluriversidade do conhecimento. Essa fronteira provoca indagações acerca das hierarquias universitárias, acerca da lógica cartesiana e teórica de formação de educadores (as) e acerca das disputas políticas acadêmicas (WALSH, 2007a; MALDONADO TORRES, 2007; SOUZA, 2017).

Esse projeto popular de educação, universidade e escola provoca uma série de deslocamentos epistêmicos, ontológicos e políticos. Esses deslocamentos provocam desconfortos e desafios ao mesmo tempo em que produzem “micro transformações”, ou seja, transformações promovidas nos encontros diários dos (as) educadores (as) com os (as) educandos (as); encontros com a finalidade de construir pedagogias populares e descolonizadas.

É a partir do vivenciar e das múltiplas experiências dialogadas que emerge a educação popular libertadora, que se desenvolve adotando como ponto de partida a problematização e a conjugação dos saberes das experiências – feito a partir do qual as pedagogias dos oprimidos vão sendo erguidas e compartilhadas.

A dialogicidade obriga o (a) educador (a) a se despir da pretensão arrogante de “ser dono da verdade”, uma vez que dialogar é reconhecer o/a Outro/Outra, e romper com toda a forma de hierarquização moderna/colonial. Afinal, dialogar é construir um conjunto de circularidades pedagógicas e epistemológicas.

São essas alterações intersubjetivas provocadas por uma prática educativa freireana e ressignificada com os (as) educandos (as) e seus contextos que *a priori* podem ser compreendidas como ações pequenas e sem efeitos na estrutura geral do espaço socioeducativo ou da sociedade. São, todavia, posturas e diálogos que geram “micro revoluções” e que possibilitam “ser mais”.

Nas palavras do Educador Japurá, o significado de “ser educador popular freireano” é:

Quando falo que “nós somos educadores populares”, nós falamos que nós somos educadores populares freireanos, e que obviamente é uma perspectiva-outra de educação popular. E a gente sempre fala muito isso, e o NEP, ele consegue assimilar essa proposta de educação popular, porque a gente sempre acreditou que como a educação ela é transformação, ela é práxis, ela é gnosiológica, porque a gente está ali para aprender, a gente quer saber, a gente quer entender essa realidade, mas numa perspectiva dialética, a gente sempre toma isso como base pra gente, ser agente transformador dessa realidade (Educador Japurá, 2020).

O Educador Japurá acentua o aspecto transformador, dialético e gnosiológico da EP. Ser educador/educadora popular é compreender o caráter dialético da educação e a construção cotidiana de uma educação-outra, uma educação dialógica vinculada aos territórios populares, uma educação que é contra a concepção educativa imposta pela modernidade/colonialidade.

Como já foi apontado nos relatos acima, o cotidiano é um terreno cheio de tensões, fragilidades e retrocessos, ao mesmo tempo em que é também o lugar de congregação, afetos, fortalecimento e avanços. É movimento que rompe com a dualidade da modernidade/colonialidade, não podendo ser reduzido ao “ser ou não ser”. A educação é, portanto, estar sendo, educação é! Não é! E continua sendo! É constituído com os sujeitos (as) populares.

O diálogo, além de se constituir enquanto o momento de encontro, é ato, é momento de *práxis*, é ato de amor e ato de criação político-pedagógica. O encontro entre sujeitos (as) exige abertura ao/à Outro/Outra e a diferença e demanda confiança no/a Outro/Outra, além do respeito ao direito desse/a dizer a sua palavra.

Cooperativa de Educadores e Investigadores Popular – Histórica (CEIP-H): por uma escola pública e popular

Os Bachilleratos Populares são movimentos de educação popular que nasceram da ebulição histórica das lutas sociais do povo argentino e da organização dos movimentos sociais argentinos. Sua criação foi inspirada na tradição crítica da pedagogia, da sociologia, da filosofia e da política latino-americana e caribenha em diálogo com as epistemologias críticas do mundo.

No início do século XXI, a Argentina enfrentava convulsões econômicas, políticas e sociais em 2001. Os Bachilleratos Populares eclodiram durante essas convulsões e foram se organizando e intensificando seus projetos políticos-educativos durante (e posteriormente) as

manifestações de 2001 (PÉREZ; PEREYRA, 2013; ALMEYRA; GUILLERMO, 2005).

De acordo com o Educador Paraná, as políticas predatórias neoliberais levaram à precarização da vida do povo argentino, à desestabilização do mundo do trabalho, à fragilidade da saúde pública e à debilidade da seguridade social, assim como ao desmantelamento do sistema público educativo. Essas medidas geraram o aumento da exclusão dos (as) sujeitos (as) populares e do aprofundamento da desigualdade social no país e, como consequência, muitas pessoas jovens, adultas e idosas ficaram à margem das políticas públicas educacionais.

Como enfatiza o Educador Paraná:

Nosotros como bachillerato popular surgimos en el 2004 a partir de varias experiencias que se van a ir sumando y se van a ir amalgamando, que son experiencias que se venían dando en zona Norte en tanto experiencias educativas con educación de jóvenes y adultos, con a círculos de estudios en la Universidad de Buenos Aires con respecto a la educación popular y a la educación de adultos. [...] por un lado, partíamos de esto, que el Estado no tiene una política pública acorde, pero por otro lado también decíamos que la educación era fundamental para empezar a transformar esta realidad (Educador Paraná, 2018).

Essa foi a conjuntura que, segundo alguns/algumas intérpretes, possibilitou as condições subjetivas e objetivas da formação e ampliação dos Bachilleratos Populares. Nesse sentido, as ações desses coletivos constroem possibilidades históricas a partir dos BP's.

O direito à educação crítica, descolonizadora e humanizadora, assim como o direito à educação pública e gratuita, são bandeiras de lutas históricas da/na ALeC e são tarefas que demandam pedagogias colaborativas que possibilitem compreender o que é possível de ser construindo, desconstruído e recriado nesse tempo presente.

Como se pode observar nas palavras do Educador Uruguai:

Cómo hacíamos para invitar a estos compañeros y compañeras a un espacio donde no solamente no tenía la estructura de una escuela tradicional, sino que era una fábrica, cuando todas estas generaciones de los más jóvenes jamás habían visto una fábrica, porque el noventa las destruyó. Entonces era invitarlos a un espacio que no era escuela, que era algo que históricamente se llamaba “fábrica”, y que ahora tenía otro sentido (Educador Uruguai, 2018).

A fábrica que não é mais fábrica e a escola que não é mais escola agora são uma

junção dessas instituições sociais, assim como uma disjunção criativa desses lugares. Ela é também uma construção analética, uma vez que, redefinida desde os (as) sujeitos (as) populares, essas organizações são (re) instituídas como “nenhuma e nem outra”, tornando-se uma “instituição-outra” que emerge da ocupação e do entrelaçamento desses (as) sujeitos (as) populares com esse antigo lugar e essas antigas instituições.

O BP é um “território de fronteira” composto por essas duas instituições, ora nomeadas como tradicionais, ora nomeadas como modernas: instituições (a fábrica e a escola) que entram em processo de mutação ética, política, pedagógica e territorial.

Os (as) educadores (as) populares tiveram que repensar e recriar as concepções sobre educação e sobre os fundamentos metodológicos e teóricos, além de rearticular os objetivos e as direções dessas instituições e reconstruir, a partir do diálogo, novas mentalidades.

São escolas feitas e refeitas com a comunidade e o seu território, ou seja, uma escola popular é gerida pelos sujeitos populares e são escolas que estão envolvidas com as problemáticas, os desafios e os aprendizados do bairro, por se tratar de uma escola engajada com a transformação social e com a promoção de afetos, alteridades e vivências descolonizadoras.

Nos interstícios da modernidade/colonialidade são forjadas outras semânticas e formas de conviver, trabalhar e aprender. Os BPs são territórios que fomentam a reinvenção educativa, a reorganização política e a recriação intersubjetiva de ontologias-outras, além da criação de uma escola popular no melhor sentido freireano.

Esse movimento dos BP's relembra o debate levantado por Paulo Freire (1992) no final do século XX sobre a necessidade da comunhão pedagógica e da política das minorias, dos movimentos sociais, das organizações sindicais e partidárias do setor progressista.

Considerações Finais

As vivências desses educadores e educadoras evidenciaram a vitalidade e a presença de Paulo Freire em diferentes práticas educativas semeadas pela América Latina e Caribe. Nesse contexto, seu legado segue pulsante e os coletivos de educação popular aqui apresentados demonstraram que há recriação conceitual e metodológica das bases epistêmicas construídas por Freire.

Referências

ALMEYRA, Guillermo. Los movimientos sociales en Argentina – 1990-2005. *Argumentos*, v. 1, n. 48-49, 2005, pp. 43-68.

ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas*, v. 1, n. 26, 2007, pp. 92-101.

DUSSEL, Enrique . *20 tesis de política*. México: Siglo XXI, 2006.

DUSSEL, Enrique. *1492: el encubrimiento del outro hacia el origen del “mito de la modernidad”*. La Paz: Plural Editores, 1994.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique. *Filosofía de la liberación*. Bogotá: Nueva América, 1996.

DUSSEL, Enrique. *Hacia una filosofía política crítica*. Bilbao: Desclée de Brower, 2001.

DUSSEL, Enrique. *Método para una filosofía de la liberación*. Salamanca: Sígueme. 1974.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. 7. ed. São Paulo: Brasilense, 1988.

FALS BORDA, Orlando. Metodología (IAP). In: HERRERA FARFÁN, Nicolás Armando; LÓPEZ GUZMÁN, Lorena. *Ciencia, compromiso y cambio social: textos de Orlando Fals Borda*. Buenos Aires: El Colectivo; Lanzas y Letras; Extensión Libros, 2012.

FALS BORDA, Orlando. *Orígenes universales y retos actuales de la IAP (investigación acción participativa)*. [S.l.]: Peripetias, 2008.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. In: ARAÚJO FREIRE, Ana Maria (Org.) São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

GARCÍA, Javier. Bachilleratos populares y Estado: relaciones complejas y dinámicas popular. *Publicar*, a. XIV, 2016.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.15, pp. 134-158, 2000.

- LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Colección Sur-Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Sociedade e Estado* [online]. 2016, v. 31, n. 1, pp. 75-97. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>. Acesso em 20 set. 2021.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL Ramón (eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Iesco; Pensar; Siglo del Hombre Editores, 2007.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; COSTA, Lúcia Helena Martins da; BARBOSA, Rafael Grigório Reis. Proposta freireana de comunicação livre. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (org.). *Cadernos de atividades pedagógicas em educação popular: políticas de educação inclusiva em municípios da Amazônia paraense*. Belém: EDUEPA, 2011.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos (orgs.). *Cadernos de atividades pedagógicas em educação popular: pesquisas e narrativas pedagógicas*. Belém: Santa Cruz, 2018.
- PÉREZ, Germán J.; PEREYRA, Sebastián. La protesta social entre las crisis de la democracia argentina. *Revista SAAP*, v. 7, n. 2, nov. 2013.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL Ramón (eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Iesco; Pensar; Siglo del Hombre Editores, 2007.
- RODRÍGUEZ, Lidia Mercedes. La elección categorial: alternativas y educación popular. In: RODRÍGUEZ, Lidia. *Educación popular en la historia reciente en Argentina y América Latina*. Buenos Aires: APPEAL, 2013.
- SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-Cadernos CES*, v. 18, pp. 1-5, 2012.
- SOUZA, Sulivan Ferreira de. Colonialidade do saber no ensino de filosofia: um estudo em duas universidades públicas de Belém. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL Ramón (eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Iesco; Pensar; Siglo del Hombre Editores, 2007a.
- YIN, Robert K. *Estudos de caso: planejamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.